

Mulheres de Areia: uma análise do discurso das telenovelas de 1973 e 1993

Arthur Vignone

Carlos Henrique Francisco

Danilo Benites

Tais Brandtt

Vinicius Azevedo

Faculdades Integradas Alcântara Machado- FIAM, São Paulo, SP

RESUMO

Mulheres de Areia tinha como tema central a rivalidade entre gêmeas. Ruth retorna depois de passar algum tempo dando aulas na escola primária numa fazenda. Ruth volta a morar com os pais, Isaura e Floriano, e com a sua gêmea, Raquel. Ambas, idênticas, tem personalidades muito diferentes. Ruth é doce, calma e tem um bom coração. Raquel, por sua vez, é egoísta, agressiva e má. Aproveitando-se da semelhança física com a irmã, Raquel conquista o namorado de Ruth, o bem-sucedido empresário Marcos Assunção, que se encanta com Ruth quando a conhece. Raquel consegue seduzir Marcos e se casa com ele, interessada somente na fortuna do rapaz. O casamento, no entanto, não impede que ela continue a se encontrar às escondidas com o amante Wanderlei, seu namorado no passado. Numa ironia uma toma o lugar da outra.



Palavras-chave: Televisão; Novela; Amor; Corrupção; Esculturas



***1. Introdução**

Ivani Ribeiro na Rede Tupi, emplacou grandes sucessos no horário das vinte horas tradicional da concorrente Rede Globo, como *Mulheres de Areia* (1973), que foi baseada em uma antiga radionovela de sua autoria, *As noivas morrem no ar* (1965).

A trama se inicia com o retorno de Marcos Assunção a uma cidade litorânea que acaba se envolvendo com a filha de um pescador, a humilde Ruth. Rapidamente os dois se apaixonam, porém, a irmã gêmea da mocinha, Raquel, ambiciosa, decide de se envolver com o rapaz, seduzindo e “tirando-o da irmã”.

O problema é que o pai de Marcos, Virgílio Assunção, é linha dura e não vai aceitar esse casamento tão facilmente. Além disso, este homem enfrenta sérios problemas de relacionamento com a filha mais nova, Malú, por causa de conflitos do passado.

Ruth aceita tudo calada, mas a história sofre uma grande reviravolta quando Raquel é dada como morta num acidente no mar e a mocinha toma o seu lugar para se reaproximar de seu grande amor. Mas a vilã não morreu e promete voltar para se vingar. A partir daí, a trama passa a tomar outros rumos.

2. Apontamentos Teóricos

2.1 As duas aberturas (versão de 1973/74 e de 1993)

Analisando inicialmente e comparando as aberturas das duas versões, percebemos que na primeira aparece a protagonista vestida correndo na praia e em paralelo aparece a escultura de areia. Num determinado momento, a protagonista tropeça várias vezes e no mesmo momento a escultura vai desmoronando, simbolizando os conflitos da vida.

Já na abertura de 1993, vemos uma mulher nua surgindo da água e da areia, simbolizando a ambientação da trama (praia), o título obra (*Mulheres de Areia*) e Iemanjá (rainha do Mar).

Os sujeitos do discurso na primeira abertura: A atriz Eva Wilma que aparece correndo na praia, a própria praia, a escultura de areia e a trilha sonora.

* Graduação em Rádio, Televisão e Vídeo pela Faculdades Integradas Alcântara Machado- FIAM, São Paulo, SP, orientado pelo Prof. Rafael Grohmann. Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: tais_blima@yahoo.com.br



Os sujeitos do discurso na segunda abertura: A então modelo Monica Carvalho que aparece nua, a areia, a praia e a trilha sonora.

Coo dialogismo na abertura da primeira versão temos a arte representada na escultura de areia. Na segunda versão, vemos a representação de Iemanjá (religião) e a sensualidade feminina. Em comum, nas duas aberturas, vemos a trilha sonora que também é uma arte (música).

O autor das esculturas de areia Serafim Gonzalez quis retratar uma nova forma de expor seus sentimentos criando mulheres que vinham de sua imaginação, mas que seria logo destruída pelo vento ou água dando a ideia de que não somos de ninguém. A novela foi exibida durante a era da censura na comunicação por esse motivo em 1973 na TV Tupi era exibida às 20h e na Rede Globo às 18h. Em 1973, na abertura ela saía da água com um vestido sem mostrar muito o corpo, pois o governo não permitia e se aparecesse algo eles tiravam do ar. Em 1993 na Rede Globo, como não havia a censura eles exploravam mais o corpo da mulher sensualizando – até porque as pessoas prestavam mais atenção no corpo do que na trama.

Falando na parte religiosa em relação à abertura da segunda versão, “Iemanjá” significa a mãe dos filhos-peixe. Ela foi mãe de dez filhos orixás e, por amamentar muito, seus seios ficaram enormes. Não contente com a vida que tinha com seu marido, Oduduá e com a cidade de Ifé, saiu sem rumo e acabou conhecendo um Rei chamado Okerê.

Iemanjá se apaixonou por esse Rei e envergonhada por seus seios enormes, pediu para que ele nunca a ofendesse com isso e ele aceitou o pedido da amada. Passado um tempo, Okerê embriagou-se e começou a ridicularizar a esposa, que mais uma vez acabou fugindo.

A orixá carregava um pote com uma poção que a protegia em momentos de perigo (presente de seu pai). Durante essa fuga, Iemanjá caiu e a poção se tornou um rio cujo leito ia de encontro ao mar. Okerê, que não queria perder sua amada, se transformou numa montanha para bloquear o curso das águas. Nesse momento, Iemanjá pediu ajuda ao filho Xangô que com um raio, partiu a montanha ao meio. Desta forma o rio continuou seu curso até o mar e Iemanjá tornou-se a rainha do mar.

A lenda de Iemanjá chegou ao Brasil na época colonial com os escravos. Na África, ela era a Deusa do Rio Ogun, rainha das águas doces. Aqui, ela se tornou a Rainha do Mar. Suas características transmitem uma imagem materna muito forte. “Acolher a todos que lhe pedem ajuda, sem julgar nem minimizar a dor de ninguém. Isso lhe vale mais um título, o de deusa da compaixão, do perdão e do amor incondicional.”



2.2 Cena: Marcos bate em Raquel após descobrir traição

Nas duas cenas, vemos o dialogismo em dois fatores: agressão física contra mulher e adultério.

Juridicamente, violência significa ato de força exercido contra as coisas, na intenção de violentá-las, devassá-las, ou delas se apossar.

A violência contra a mulher, segundo o site Portal Da Família, não está somente num determinado meio, num determinado grupo de pessoas. Pode ocorrer em qualquer lugar e em qualquer classe social. Nas classes de maior posse, muitas vezes as mulheres se calam diante das agressões dos maridos para evitar escândalos, medo e até mesmo pela dependência financeira.

Dentre as várias formas de agressões, a doméstica contra a mulher é uma das mais perversas que existem pois ocorrem dentro de um ambiente familiar, onde deve-se prevalecer amor, afeto, carinho e segurança.

No Brasil, a luta para zerar esse tipo de agressão ocorre há muito tempo. Desde a década de 1980 os movimentos feministas e que apoiam os direitos da mulher vem aumentando. Depois de tantas pressões, em agosto de 2006 foi criada a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que facilita no sentido de não haver necessidade de processo civil ou judicial, podendo o juiz afastar o agressor da vítima, mas por outro lado a punição demora para ocorrer, podendo ocasionar maior exposição da vítima ao risco.[†]

“A origem da palavra adultério vem da expressão latina “ad alterum torum” que significa “na cama de outro(a)”.

Em alguns grupos no mundo, o adultério é tratado de forma natural e aceito sem grandes problemas. Já em outros, é tratado como uma falta grave, com possibilidade até de pena de morte.

No Brasil, o adultério vem sendo tratado cada vez mais como algo natural, em virtude de uma sociedade mais “liberal”. Porém, ainda existem pessoas que encaram esse ato como algo totalmente inaceitável.

O que também ajuda o tema a ser mais “liberal” é a própria alteração no ordenamento jurídico: no Código Penal de 1940, classificava o adultério como um crime, punindo os adúlteros com até seis (seis) meses de reclusão. Apenas em 2005, com a promulgação de Lei 11.106, que alterou diversos artigos do Código Penal de 1940, o

[†] Peres, Ana Flavia Pimentel (aluna). *Revista Núcleo de Criminologia. Volume 09. Núcleo de Pesquisa Criminológica e Política de Segurança Pública da Faculdade Atenas, 2011. Pg. 14-17.*



adultério deixou de ser considerado um crime, no entanto, continua sendo causa válida para a dissolução do vínculo conjugal, como dispõe o artigo 1.573 do Código Civil Brasileiro.

Sobre as formações ideológicas, podemos apontar, inicialmente, que nas duas versões a personagem Raquel vê com naturalidade o fato de ter traído o marido, dando um beijo no amante. O fato de o Marcos ter visto a cena não a abalou. Não existe amor, nem respeito por parte dela. Na concepção de Raquel, o casamento com Marcos é puro interesse financeiro e a traição é algo natural.

Já Marcos entende como um ato gravíssimo, não só pelo fato de ter uma visão super conservadora, mas também por amar Raquel. Tudo isso lhe provoca total ira, vindo a agredir a esposa sem pensar duas vezes, mesmo ela sendo o “sexo frágil”.

Concluindo, Marcos e Raquel possuem formações ideológicas bem diferentes. Ele tem escrúpulos. Ela não.

Duas cenas de mesmo contexto que apresentam tanto visibilidades, como silenciamentos. Na Versão de 1973, Raquel é pega em flagrante por Marcos beijando Wanderley. Nesta cena, visivelmente existe a ira de Marcos e o desdém de Raquel para com ele. Marcos silencia-se em seu discurso e responde apenas com uma Bofetada em Raquel que cai. Porém, na segunda cena há a expulsão e a repulsa de Raquel dizendo que ele (Marcos) não dorme neste quarto e ele com mesmo sentimento diz que não dorme mesmo. Já na Versão de 1993, Marcos dialoga mais com Raquel e lhe dá uma bofetada mais sutil. Na segunda cena há o mesmo sentido e o discurso é mais explícito nas emoções.

Podemos identificar também ironia e implícito nas duas cenas. A ironia de Raquel quando assume que beijou Wanderley, onde ela é clara ao dizer a Marcos, seu próprio marido, que fez tudo por livre e espontânea vontade. Nestas mesmas palavras de Raquel, vemos um implícito: o fato de assumir que beijou o Wanderley, automaticamente produziu o sentido do adultério, sem mesmo utilizar esta palavra especificamente.

Cenas com “Estilo” forte, que contém voz alterada, discussão de um casal, a confissão do adultério por parte da esposa e a agressão física. As frases “Quem beijou o Wanderley foi eu!”, “Seu Covarde!” e o próprio ato do tapa na cara comprovam essas características.

Um “Ethos” debochado e sarcástico de falar e o ato de assumir para o marido que beijou outro homem mostra que Raquel é uma mulher sem escrúpulos e fria. Já Marcos demonstra ser um homem correto, mas que, se necessário, faz justiça com as



próprias mãos – sua indignação com a confissão da esposa e, conseqüentemente, a agressão física define essa afirmação.

Podemos ver nas duas versões que Raquel aponta Marcos como um verdadeiro “imbecil” e inocente no sentido irônico pelo fato de assumir para ele que cometeu o adultério. Já Marcos constrói o discurso de Raquel descrevendo-a como uma mulher sem escrúpulos, de baixo nível, “vagabunda”. As bofetadas e a frase: “Cala a boca se não vai apanhar mais” (da segunda versão) definem essas características.

Nesta cena, especificamente, o produto midiático (novela) teve a função de mostrar a realidade de muitos casais na vida real e também de “condenar” a atitude da vilã com as próprias palavras e atitudes do marido traído.

Entendemos que esse discurso foi democrático e autoritário ao mesmo tempo. De um lado, Raquel demonstra sua “liberdade” em fazer o que quer na hora que quer e por outro, Marcos impõe uma autoridade e machismo na bofetada que dá na esposa.

2.3 Cena: Discussão em família entre Alaôr, Virgílio e Malú (comparação entre as duas versões).

Nas duas versões, vemos no dialogismo a figura do homem corrupto no personagem Virgílio Assunção e a figura do ser humano honesto (Alaôr e Malú).

Há muitos tipos de corruptos. O corrupto oficial é aquele que se vale de uma função pública para tirar proveitos a si, a família, e aos amigos. Troca a placa do carro, embarca a mulher com passagem custeada pelo erário, faz gastos e obriga o contribuinte a pagar, considera natural o superfaturamento, a ausência de licitação, a concorrência com cartas marcadas. Isto se enquadra na conduta do vice prefeito e empresário da Cidade Litorânea Dr. Virgílio Assunção, que é bem sucedido as custas da corrupção, para ele se dar bem faz qualquer coisa se necessário até vende a família.

Esse tipo de corrupto ou pessoa que se vale de uma função pública para se impor é uma característica que sempre existiu. Os livros “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda e “Os Donos do Poder”, de Raymundo Faoro citam passagens de épocas antigas onde esse tipo de costume já existia, inclusive o abuso de poder. “(...) Fazenda, guerra e justiça são as funções dos reis, no século XVI, funções que se expandem e se enleiam no controle e aproveitamento da vida econômica(...)”. (...) O funcionário recebe



retribuição monetária, o agente desfruta de vantagens indiretas, com títulos e patentes, que compensam a gratuidade formal.[‡]

Podemos relacionar as mesmas citações dos livros ao profissional idôneo, correto, honesto, que conduz sua vida e seu trabalho dentro dos princípios legais e éticos, tem a seu favor a consideração o apreço a admiração e a confiança de todas as pessoas. É o caso do personagem do Alaôr, que é de boa índole e por esta razão conhecendo o mau caráter do seu sogro e bem, recusa seu convite para trabalhar em sua empresa, dizendo que prefere pegar uma pá e quebrar pedra a ter que trabalhar para ele, quando Malu interfere apoiando totalmente o marido e ainda faz acusação ao pai perante todos que estão na sala causando um grande espanto, deixando seu pai sem ação.

Nas duas versões, vemos que Alaôr e Malú são duas pessoas orgulhosas, porém corretas, pois se demonstram bastante decepcionadas com o fato de Virgílio ter prometido dar-lhes a fazenda de presente, depois ter voltado atrás, vendendo-a para o Wanderley. Além disso, Alaôr era muito apegado a fazenda, pois trabalhou, morou lá por muitos anos e tem verdadeira paixão pela vida no campo. Ao receber a proposta de trabalhar para Virgílio, ele logo recusa, pois jamais trabalhará para um homem sem palavras e sem escrúpulos. Virgílio confirma sua má índole achando tudo normal e querendo impor as suas verdades.

“Prefiro pegar uma picareta e quebrar pedra na rua!”. Nesta única frase de Alaôr, percebemos a “palavra-chave” de seu orgulho. Ele então demonstra que jamais trabalhará para o sogro. Neste caso, Alaôr se refere à palavra “picareta” no sentido denotativo, utilizando a palavra em seu sentido próprio. Esta palavra também pode ser utilizada em sentido denotativo, referindo-se a pessoa de mau caráter. “Picareta: (sf) ferramenta constituída de uma parte de ferro, de duas pontas, e um cabo de madeira, para escavar terra. / Adj. e sm+f pop.: Diz-se de, ou pessoa aproveitadora”.[§]

Ambas as cenas mostram claramente que esta venda da fazenda é uma mera farsa, na qual é feito uma Intriga de Virgílio contra Alaôr. Num clímax de discussão não há silenciamentos nesta cena.

Discussão em família, assuntos financeiros e a falta de palavra do Virgílio, deixando a filha (Malú) e o genro (Alaôr) completamente alterados. O pai de família

[‡] Faoro, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Editora Globo, 2001. Pg. 199 e 201.

[§] *Dicionário Língua Portuguesa*. Brasil, Ed. Melhoramentos, 2009. Pg. 227.



defende o seu lado usando voz alterada também. Esse é o “Estilo” e significação das palavras na cena.

Alaôr e Malú demonstram um “Ethos” de princípios, orgulho e intolerância diante da atitude incorreta de Virgílio, que prometeu algo sério e não cumpriu. Ao receber a proposta de emprego do sogro, o rapaz logo não aceita e diz que prefere trabalhar com qualquer outra coisa a ter de aturá-lo. Malú apoia essa atitude.

Individualista e autoritário, Virgílio apresenta um “Ethos” bem diferente da filha e do genro. Defende suas posições e não reconhece o seu próprio erro.

“Prefiro pedir esmola na rua a trabalhar para o senhor!”. O termo “pedir esmola”, representa por si só o ato de sair às ruas pedindo dinheiro para quem passa, o que para uns representa falta de oportunidade de emprego e para outros representa acomodação, pois se subentende que pedir dinheiro não necessita tantos esforços físicos e/ou mentais do que o trabalho árduo do dia-a-dia onde as pessoas enfrentam transportes públicos lotados, preocupação com o cumprimento de horários e não chegar atrasado, além de muitas vezes ter de lidar com colegas de trabalho que podem ser grandes competidores e inimigos. Outro grande fator é o chefe exigente, autoritário e que humilha o funcionário, isso não é regra geral, mas ocorre em muitas empresas. Virgílio Assunção é assim. Nessas e em outras palavras, Alaôr diz que o sogro não é uma pessoa de confiança, levando-se em consideração o negativismo do discurso na frase. Pessoas de bom caráter evitam estar junto a pessoas de caráter duvidoso. Neste discurso específico, Alaôr assimila o termo “pedir esmola” a algo humilhante, pois é um rapaz trabalhador, mas não se sujeitará a ser subordinado do sogro. Já Virgílio diz claramente que não irá voltar atrás de sua decisão, independentemente dos argumentos apresentados por Alaôr e Malú. Desta maneira, entendemos que Virgílio aponta Malú e Alaôr como pessoas inferiores a ele em todos os sentidos e que devem obedecer a suas decisões. Nestes sentidos, podemos definir a questão da voz do “outro” no discurso.

O produto midiático teve a função de mostrar que uma decisão mal tomada pode prejudicar as outras pessoas, além de provocar facilmente conflitos em família, principalmente quando esses sujeitos já não possuem um histórico de relacionamento amigável.

Trata-se de um discurso autoritário, pois Virgílio impôs sua vontade e deixando claro para todos que não volta atrás em sua decisão, mesmo com todas as manifestações de Alaôr e Malú.



2.4 *Cena: O Retorno de Raquel*

Raquel reaparece após ter desaparecido num acidente de barco no mar. Desta forma no dialogismo da cena, encontramos um tema muito importante: pessoas que desaparecem em acidentes marítimos.

São inúmeros acidentes desse tipo que acontece, na maioria das vezes, os corpos não são encontrados e, quando isso acontece, as vítimas já estão sem vida. Dentre os inúmeros acidentes marítimos da história, podemos citar o naufrágio do transatlântico Titanic, em abril de 1912 e a embarcação turística Bateau Mouche que naufragou dia 31 de dezembro de 1988 na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro – a suspeita era de que o mesmo estava superlotado. Havia 142 pessoas a bordo e 55 morreram.

Podemos citar também outro grande fato, este sendo um acidente de barco que ocorreu em 2011, conforme notícia do site O Globo:

“Mais de 200 pessoas desaparecem no mar após barco quebrar no Mediterrâneo”. Trata-se de uma embarcação onde 200 a 270 pessoas tentavam entrar na Europa de forma ilegal.**

As duas irmãs são idênticas somente na aparência. Nas suas formações ideológicas, são bem diferentes.

A irmã boa fica surpresa com o aparecimento da outra, que para ela e para todos estava morta. Chega até a chorar de felicidade, pois é uma moça de bom coração. Já Raquel se mostra totalmente fria e sarcástica. Afinal, voltou para se vingar de todos e, principalmente de Ruth que acabou se passando por ela nesse período de ausência. Nas duas versões as formações ideológicas são as mesmas.

Assimilamos nestas duas cenas (primeira e segunda versão) uma “troca de nomes” proposta pela personagem Raquel que se demonstra tranquila e sorridente, mas esconde o desejo de se vingar da irmã que ocupou o seu lugar enquanto a vilã estava “desaparecida”.

Na primeira versão Raquel diz a seguinte frase para Ruth: “*Estou viva. Não é fantasma, não.*” e nela podemos apontar a palavra-chave de seu retorno e que muita coisa irá mudar a partir deste momento.

A emoção de Ruth ao rever a irmã é demonstrada (nas duas cenas) por um extenso momento de silenciamento, onde só vemos os prantos da personagem.

** Jornal O Globo. Notícia publicada em 02/06/2011.



Raquel com seu jeito debochado é totalmente irônica nas duas cenas, destacando sua risada e principalmente quando oferece bebida para a irmã, na segunda versão. Não cabiam para a situação tais atitudes. A frase “Estou viva. Não é fantasma, não.” aponta um implícito: se ela está viva e não se trata de um fantasma, é sinal de que não morreu e que está de volta.

As lágrimas de Ruth e o abraço que ela dá em Raquel significam um “Estilo” de cena dramática e comovente com a felicidade da irmã boa ao ver a vilã.

Ruth fica bastante emocionada e Raquel tem uma atitude fria, como se nada demais tivesse acontecido, mesmo tendo ciência da atitude egoísta de não ter aparecida para a família antes e ter feito todos acharem que estava morta.

Ruth tem um “Ethos” bem mais afetivo e fraternal. Já Raquel, pela sua postura, demonstra nitidamente o oposto.

Por ser uma cena simples, diálogo curto e apenas duas personagens, não é possível notar “a voz do outro no discurso”, nem as “diferentes vozes”.

Conclusão

Nós decidimos analisar “Mulheres de Areia”, pois foi uma trama exibida em duas épocas diferentes e em emissoras diferentes (Redes Tupi e Globo). Escolhemos estas cenas, pois retratam o nosso cotidiano e mesmo depois de muitos anos a falsidade, a ganância, a bondade e a ingenuidade das pessoas continuam. Mostramos o lado bom e o lado ruim das pessoas como no caso da Ruth e Raquel e trouxemos para a realidade como as pessoas se comportam.

Esta análise de discurso nos abriu muitos caminhos, permitindo descobrir que um discurso não é algo tão vago quanto parece. Um discurso, mesmo pequeno e aparentemente com pouco conteúdo, tem muito mais a mostrar: dialogismos, estilos, ethos, formações ideológicas, etc. Tudo isso faz parte do nosso cotidiano e não percebemos.

Um discurso pode inspirar o outro, como por exemplo, uma sátira feita por Tom Cavalcante em 1993, dentro do programa *Escolinha do Professor Raimundo*, onde o humorista interpreta as gêmeas Ruth e Raquel e Tonho da Lua, enfatizando as características dos personagens de uma forma divertida. O título deste quadro era “Colheres de Aveia”. Sendo assim, “Mulheres de Areia” também inspirou o humor,



fazendo ainda uma referência a outros papéis de Glória Pires, pois no final deste vídeo, Tom começa a “imitar” personagens da atriz em novelas como *Vale Tudo*, *Dancin’Days*, *Pátria Minha*, etc.

O mais curioso é que após trabalhar arduamente neste artigo, passamos a encarar o nosso dia-a-dia de forma diferente, analisando os mais variados discursos. Uma experiência diferente e que com certeza abrirá ainda mais os nossos caminhos e termos uma visão diferente de tudo que acontece ao nosso redor e em todo o mundo.



Referências bibliográficas

BETTO, Frei. **Sobre Corrupção**. <www.freibetto.org/index.php/artigos/47-ocorrupto-frei-betto>. Acesso em 03/05/2013.

Peres, Ana Flavia Pimentel (aluna). Revista Núcleo de Criminologia. Volume 09. Núcleo de Pesquisa Criminológica e Política de Segurança Pública da Faculdade Atenas, 2011. Pg. 14-17. Sobre violência contra a mulher.

Dicionário Língua Portuguesa. Brasil: Ed. Melhoramentos, 2009.

Editora Abril. **Sobre Iemanjá**. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/religiao/historia-iemanja-rainha-mar-621962.shtml>>. Acesso em 03/05/2013.

GLOBO, O. **Sobre acidentes no mar**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mais-de-200-pessoas-desaparecem-no-mar-apos-barco-quebrar-no-mediterraneo-2762556>>. Acesso em 02/05/2013.

Memória Globo. Sobre Ivani Ribeiro.

Figuras: Cinemateca Brasileira e Rede Globo.